

Dugongue

Antes dugongue, indefeso, calmo e limpo, chamado peixe-boi no Brasil; já só há mil, em todo o mundo; antes isso que buldogue.

Dugongue do universo, o que nasce e se desenvolve por si.

Antes dugongue que buldogue, que não precisa de mentir para viver, ele que olha a vida sonolentamente, sem ser um programa para cumprir.

As velas enchem, com ventos elas caminham, no mar do dugongue - mas não do buldogue - mar alto sem precisar de rumo.

Velejar, viver a liberdade do dugongue, o vento frio, o sol quente, a ondulação fá-lo baloiçar como cama de rede aonde o índio adormece.

Tocar deedgeridoo, tubo de madeira que ruge manso música aborígene, ele é o irmão do boomerang, pássaro gracioso, primo do dingo, tio do koala, sobrinho do dugongue, amigo dos milhões de peixes que de outra galáxia vieram para o Reef, a grande barreira de coral, monumento à vida e à beleza.

Mesmo por dentro da grande montanha (óxido de ferro?) - aquele Uluru, nos botões dos soldados, em todos os agrilhoados, um vento existe livre, é assim.

Ao buldogue estará isso sempre negado. Aguenta. Tem que ser como é, para não ser ameaçado de extinção. Não tem culpa, não sabe. ...Também não tem desculpa, nem ele, nem quem nele manda, nem quem mata o dugongue, nem o próprio dugongue.